

## REPORTAGEM ESPECIAL

# REFÊNS DA DROGA

## O MEDO E O DRAMA

### DAS FAMÍLIAS

Há quem abandona, acorrenta ou compra drogas para o filho

▄ VILMARA FERNANDES  
vfernandes@redgazeta.com.br

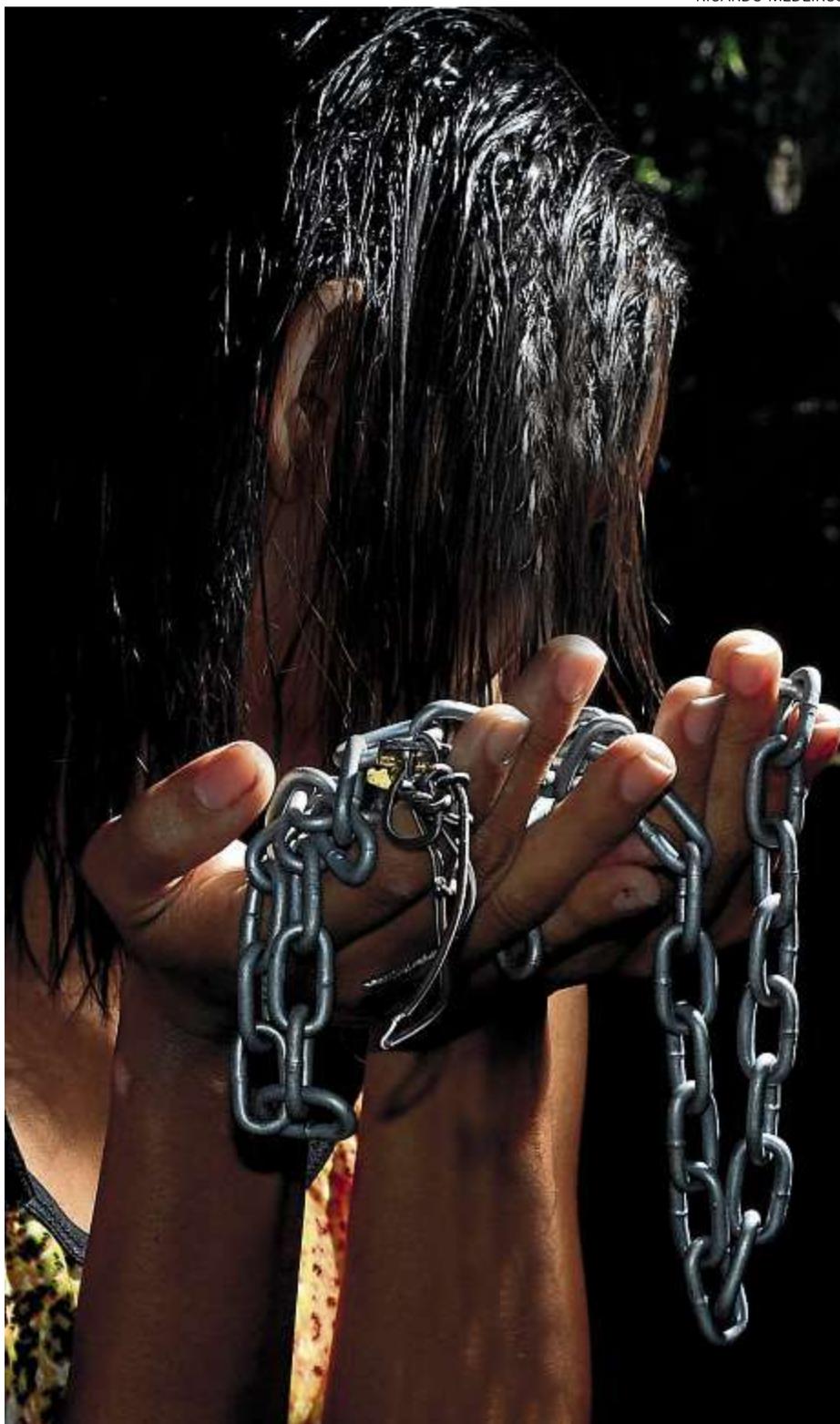
“Você morreu pra mim. São 17 anos de luta, de querer ajudar quem não quer ajuda, de só dar sem receber. Não lutarei mais contra qualquer tipo de droga que queira usar, não lutarei mais contra o mal que faz a você mesmo. Te quero longe, como nunca quis. Destrua-se sozinho.” O desabafo publicado nas redes sociais é de uma empresária e revela o desespero vivido por centenas de famílias que são reféns das drogas.

No Brasil, pelo menos 28 milhões de pessoas têm algum familiar dependente químico e vivem drama semelhante, segundo o Levantamento Nacional de Famílias dos Dependentes Químicos (Lenad Família), feito pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). São pais, irmãos, tios, sobrinhos que têm suas atividades diárias, o lado psicológico e profissional comprometido pelas relações tumultuadas com o familiar viciado.

#### DRAMA DIÁRIO

Vivem com medo. Medo que o parente se drogue até morrer; das ameaças e agressões feitas pelo viciado ou por traficantes; dos sucessivos prejuízos financeiros; dos infundáveis conflitos; e até de receber notícias que, apesar de tudo, não querem ouvir: da morte do ente querido. Convivem com dramas diários difíceis de serem descritos e que muitas vezes os levam a decisões radicais.

Como a empresária, de 40 anos, que decidiu aban-



Para evitar que o filho fosse morto, A. acorrentou o adolescente de 12 anos

RICARDO MEDEIROS

#### RETRATO

**16**

**pedras**

É o consumo médio diário de crack nas capitais

**70%**

**dos usuários**

Compartilham os apetrechos para o uso do crack

**10%**

**das usuárias**

De crack no Brasil estavam grávidas

donar o irmão após 17 anos de luta. “Cansei de percorrer ruas, hospitais, delegacias, bocas de fumo e até o DML. Cansei do sofrimento sem limites, sem fim”. O roteiro passou a fazer parte da vida dela desde que a mãe morreu e o irmão começou a usar drogas. “O que ele vive não é vida. É um zumbi. Já está morto”, desabafa.

Foram sucessivas interações, cuidados e orientações que não conseguiram resgatá-lo, conta a empresária: “Em todos estes anos ele só conseguiu ficar longe do vício por um ano”.

Há alguns meses, após ser ameaçado, o irmão foi levado para outra cidade. “Depois de vender o que tinha, começou a vender o que era do tio”, relata a empresária, acrescentando que a gota d’água foi um escândalo em uma reunião familiar. “Decidi que preci-

so me afastar, que só posso ajudar quem quer ajuda”.

#### MEDIDA EXTREMA

São histórias que se repetem em dezenas de outras famílias. A. de 26 anos decidiu acorrentar o filho de 12 anos para evitar que fosse morto. “Fiz de tudo para evitar que usasse drogas, mas ele fugia, pulava até do teto”, relata a mãe que garante compreender a fissura do filho. Um dia ela também usou drogas.

A medida extrema veio após sucessivos roubos na vizinhança e em casa, e a fuga do adolescente de clínicas onde tinha sido internado. A mãe foi denunciada pela avó da criança, mas manteve o filho acorrentado. “Se eu tiver que ser presa para que meu filho fique vivo, eu aceito”, diz.

Hoje só a corrente permanece na casa. O adolescente há seis meses está internado. “Não me arrependo do que fiz. A boca de fumo que ele frequentava foi alvo de um tiroteio, onde seis foram feridos. Meu filho poderia estar morto”, diz a mãe.

#### COMPRAR DROGAS

Comprar crack para o filho e se aprisionar na própria casa foram as alternativas encontradas pelas aposentadas A., 66 anos, e M., de 65, para se verem livres da violência dos filhos. “Minha esperança é que ele arranje um emprego para bancar o vício”, desabafa A., que gasta R\$ 600 por mês comprando crack para o filho.

Já M. teve que reforçar a segurança da casa após as constantes agressões do filho. Atualmente, por deci-

VITOR JUBINI



Um dos filhos de E. foi assassinado enquanto fumava crack. O que ainda está vivo já trocou tudo o que a família possui pela droga

“Não faço planos, não sonho. Vivo na esperança de que um dia meu filho deixe de usar drogas e mude sua vida”

S., 48, MÃE

“Não conheço nenhum ex-craqueiro que esteja bem, livre do vício. O que nos tira a esperança de um final feliz”

EMPRESÁRIA, 40, IRMÃ

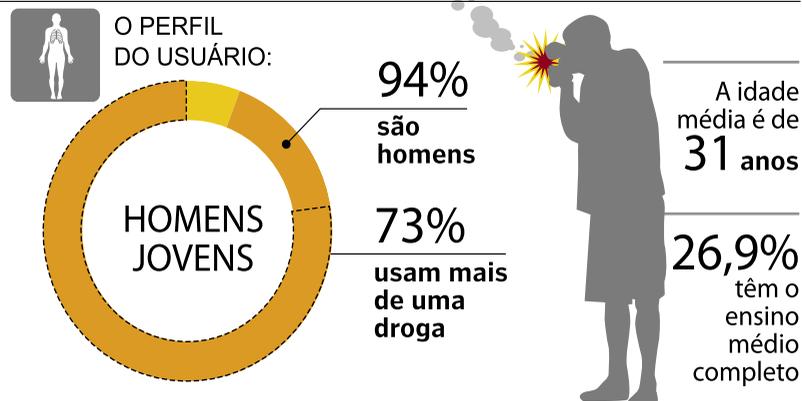
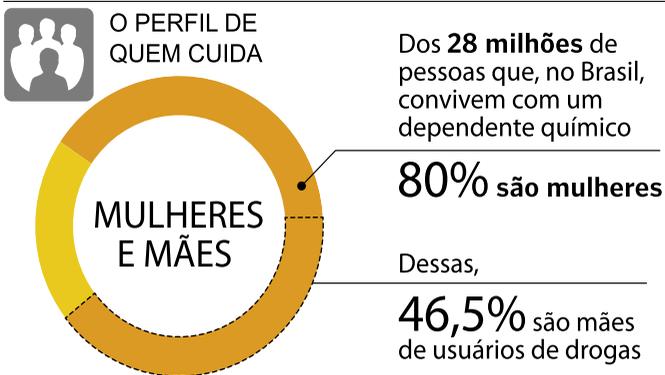
“Queria ter um tapete na sala, uma televisão e saber que ela não seria levada. Mas só tenho dívidas do que já não tenho em casa”

E., 48, MÃE

“Meu filho me ameaçava para que eu entregasse dinheiro e o cartão para ele comprar drogas. No fundo já esperava a morte dele”

R., 69, MÃE

ELAS SOFREM JUNTO



A CONTA É CARA...

- 58% das pessoas que têm um dependente químico em casa já pagaram pelo tratamento e internação
- 9% tiveram esse custo coberto por planos de saúde
- 6,5% conseguiram ajuda no SUS
- 2,7 é o número médio de internações de cada dependente
- 45,4% disseram ter as finanças drasticamente afetadas para custear o tratamento de parentes

...E VAI ALÉM DO DINHEIRO

- 58% dos parentes de dependentes viram o trabalho ou o estudo serem afetados
- 47% tiveram a vida social afetada
- 26% já foram vítimas de roubos ou de perda de objetos emprestados e nunca devolvidos pelo dependente químico
- 12% já foram ameaçados pelo parente dependente químico

Fonte: Levantamento Nacional de Famílias de Dependentes Químicos

A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo

são da Justiça, o jovem está impedido de entrar na residência e vive na rua. “Moro em uma casa em que só as paredes não foram trocadas pela droga, onde passo as noites imaginando como estará meu filho. Nenhuma mãe deveria viver isto”, desabafa a aposentada.

SEM SOLUÇÃO

Outra que cansou da luta é a voluntária E., de 48 anos. Sem perspectivas, ela quer abandonar a casa que re-

construiu e mobiliou mais de quatro vezes. Há duas semanas a tragédia voltou a se repetir: panelas, colchões, mesa, cadeiras, roupas, sapatos e até os mantimentos foram trocados por pedras de crack. “Só sobraram, mais uma vez, a dor, o desespero e as dívidas”, conta, em meio a lágrimas.

Há dez anos ela luta contra o vício que arrebanhou seus dois filhos. Um deles foi assassinado há pouco mais de um ano

após diversas internações. “Meu filho cansou de viver e pediu para ser morto”, conclui E., que chegou a ser refém de um traficante por não ter dinheiro para pagar as dívidas do filho.

Enquanto relata seu drama, na varanda de sua casa o filho que lhe restou fuma crack. Meia hora depois ele sai com o que ainda possui os documentos – para dar como garantia na compra de outra pedra. “Nunca perdi a fome, agora, nem comer

consigo. Não há mais nada o que possa fazer. Quero ir embora, sumir”, desabafa E., que até o emprego perdeu.

SEM CHANCES

Para o psiquiatra Fernando Furieri, os casos relatados só reforçam a avaliação de que o crack deixou de ser um problema de saúde. “Muito dinheiro circula com a venda de drogas. É preciso pensar num monopólio estatal deste comércio ilegal. É um tema que pre-

cisa ser avaliado por economistas, administradores, pensadores”, assinala.

Furieri destaca que o tratamento público oferecido é excelente, “mas está muito longe de atender a velocidade da epidemia do crack”, assinala. O que só confirma a falta de alternativas para essas famílias, que empobrecem, adoecem e se desestruturam enquanto lidam com usuários refratários a todo tipo de tratamento.